



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11086 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 01 - Educação Intercultural e Decolonialidade na Amazônia

ALDEIAS ARTIFICIAIS: REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS SATERÉ MAWÉ NO INSTAGRAM

Bruna Pollyana Almeida da Costa - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

ALDEIAS ARTIFICIAIS: REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS SATERÉ MAWÉ NO INSTAGRAM

BRUNA POLLYANA ALMEIDA DA COSTA

MARCOS ANDRÉ FERREIRA ESTÁCIO

RESUMO

As representações indígenas, em espaços modernos de mídia, podem alterar a forma de olhar os indígenas no contexto urbano de Manaus. A necessidade de adaptação a mudanças provocou um deslocamento das comunidades indígenas para ambientes virtuais. Fato que levou a Associação de Mulheres Indígenas Sateré-Mawé (AMISM), a divulgar seus trabalhos utilizando a virtualidade. A demanda por novas linguagens para atingir o público consumidor foi um fator de mudança que levou o grupo de mulheres indígenas artesãs a difundirem seus trabalhos nas redes sociais em busca de maior visibilidade. A criação de conteúdos referentes não só ao artesanato produzido pela comunidade, mas uma ampla articulação e mobilização da associação para fins de conscientização acerca dos saberes ancestrais dos povos indígenas para o público virtual. A intercambiável rede de relações no espaço da internet envolve a educação indígena, saberes e cultura, que tece uma linguagem genuinamente amazônica entre os indígenas e os não indígenas em ambiente urbano a partir da internet. Diante de tantos caminhos possíveis para a análise dos discursos dos mais variados grupos sociais, apresenta-se, neste trabalho, uma leitura crítico-discursiva a partir dos saberes étnicos das mulheres indígenas Sateré Mawé difundidos em seu perfil social na rede Instagram e tomamos por perspectiva teórica o conceito de Análise do Discurso Crítica de Norman Fairclough (2016), Identidade proposto por Hall (2005) e sociedade e crítica da cultura de Horkheimer e Adorno (1985), debatidos no campo das ciências humanas com vista a buscar compreender como as

identidades estão sendo representadas do ponto de vista discursivo através de textos não verbais cada vez mais híbridos na sociedade contemporânea e difundidos nas redes. Sob a perspectiva da Semiótica da pós-modernidade e da crítica da cultura, os elementos sógnicos presentes no discurso de mulheres indígenas que vivem em contexto urbano em Manaus se comunicam com a sociedade envolvente no ambiente virtual.

Palavras-chave: Representações, Sateré Mawé, Rede Sociais

INTRODUÇÃO (PRIMEIROS CLICKS)

A sociedade vive cada vez mais emersa em tecnologias no contexto atual. Tal prática representa uma constante construção linguística diversificada e intercambiável entre os mais variados gêneros discursivos. Para este trabalho, a perspectiva teórica compreende o estudo e a análise dos signos da cultura Sateré-Mawé. Povo indígena Sateré-Mawé é originário da TI Andirá-Marau na fronteira entre os estados do Amazonas e Pará, os indígenas Sateré-Mawé, de acordo com os dados da FEPI somam-se a média de 10.000 indígenas citadinos na cidade de Manaus. Busca-se pesquisar as formações e representações sociais e identitárias de mulheres indígenas Sateré-Mawé residentes na cidade de Manaus na internet, a qual tomo como corpus da pesquisa especificamente postagens da página do Instagram. As participantes representadas são integrantes da Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé (AMISM) cuja a designação na rede Instagram possui domínio referenciado nesse contexto social digital por: @amism_sateremawe. O protagonismo empreendedor e comunicativo das mulheres indígenas, ganha novos moldes sociosemióticos, a partir das repercussões dos seus trabalhos na *web*. Assim como a articulação dos saberes e da cultura tradicional indígena dos povos da região amazônica conduz o olhar do leitor para a ressignificação das práticas simbólicas das relações sociais entre os membros da comunidade étnica e o público virtual da rede mundial de computadores constituem mudanças discursivas.

A busca por uma compreensão da realidade das culturas e suas múltiplas identidades imbricadas nas sociedades contemporâneas hoje em dia, gera uma considerável complexidade nas formulações de conceitos que, congreguem o seu amplo escopo e as caracterize teoricamente dentro de um único campo epistêmico. Tendo em vista que, os muitos fenômenos culturais podem nos conduzir a leituras de produções de autores com as mais diversas perspectivas teóricas. Cientistas sociais, sociólogos, filósofos e literatos se desdobram para tentar esboçar concepções metafóricas com o objetivo de conseguir definir, cada um à sua maneira, o que por si só já é bem complexo historicamente, como são formadas as identidades na sociedade contemporânea?

Termos como: “Sociedade Líquida” (BAUMAN, 2005), “Sociedade em Rede” (CASTELLS, 2002), “Aldeia Global” (MCLUHAN), são apenas alguns exemplos, dentre tantos outros de igual importância, constituídos com a tentativa de expressar e visibilizar uma realidade cada vez mais perceptível de forma plural, assimétrica e desigual: as questões de pertencimento dos sujeitos a partir das percepções próprias de identidade nas comunidades modernas.

Assim, conforme estabelece Bauman (2005, p. 17) tornamo-nos inconscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida nem são alterações negociáveis. Tais compreensões, sobretudo para sociedades periféricas e para os povos indígenas, em especial, da Amazônia também colocam em cheque as identidades de seus membros a medida em que os valores de cada representação dos povos é constituído na sociedade como moeda de troca em um processo de transculturação cujo conceito advindo da área da antropologia é considerado como sendo o responsável por abraçar a noção de que é possível um grupo social adotar as formas culturais de outros grupos em um prática de troca, enriquecimento e por fim de substituição não deliberada, mas inconsciente das trocas culturais. Nesse sentido, a transculturação não implicaria necessariamente em conflitos, mas forma gradual, a depender da imposição cultural de determinados grupos sobre outros mais subalternizados esse processo tende a tronar-se acultura, ou seja, quando uma cultura se sobrepõe sobre a outra. Este fenômeno pode atingir não somente os grupos envolvidos, mas também mercados urbanos dos grandes centros locais e globais, que não possuem o entendimento amplo do que seja o ‘pensar’ e o ‘ser índio’, de acordo com Carvalho (2019, p. 80). Desse modo, a imagem do indígena tende a representar para sociedade não indígena apenas uma curiosidade folclórica, um fascínio sensacionalista e preconceituoso do ponto de vista social e classista.

Em sua obra “Ritual de passagem”, Carvalho (2019) descreve o episódio em que uma equipe de um programa humorístico australiano chamado Hamish & Andy Gap Year South America conseguem autorização para simular o Ritual da Tucandeira como se fossem iniciados Sateré-Mawé. No entanto, e por motivos óbvios, a experiência dos estrangeiros foi um desastre, pois, sendo completamente desconhecedores da cultura Sateré-Mawé, bem como de qualquer outro modo de vida Amazônico e visando apenas o sensacionalismo de pauta humorística para fins midiáticos, sua vivência frustrada diante das primeiras ferroadas das terríveis formigas durante o Ritual da Tucandeira acabou logo após com um dos apresentadores do programa hospitalizado.

A partir dos relatos de Carvalho (2019, p. 69) ao

iniciarem os cantos e as danças, o primeiro humorista enfiou a mão na luva da tucandeira, a qual foi preparada em palha de arumã e abrigava mais de 100 formigas. O jovem de aproximadamente 29 anos, alto, pele branca e sensível, não conseguiu manter a mão na luva nem por um minuto. Ele gritava, berrava com dores e em poucos minutos se jogou no chão, rolando e tremendo de dor.

Parecia que o rapaz estava recebendo um choque elétrico. Ele ficou meio tonto e perdeu a noção de direção. Percebeu-se que as ferroadas das tucandeiras desencadearam, de imediato, uma violenta reação no jovem estrangeiro.

A medida em que se observa tal prática cultural ocorrendo entre brancos, sobretudo entre estrangeiros brancos, dentro dos limites culturais indígenas, percebe-se que o processo inverso não ocorre com indígenas em territórios culturais de indivíduos brancos. Os estrangeiros de forma deliberada “aventuram-se” nas culturas indígenas da Amazônia como se fosse um “grande passeio turístico” pela floresta e que “ser indígena por um dia” pode lhes render muitos *likes* na internet. No entanto, um indígena que queira adquirir um telefone celular e adaptar-se à modernidade ainda é visto com olhares preconceituosos e é motivo de espanto para os povos urbanizados o fato de um cidadão indígena possuir ferramentas tecnológicas.

Assim, ainda de acordo com estudos de Carvalho (2019), à luz da compreensão do fenômeno de resistência dos povos indígenas às ferroadas das terríveis formigas vai além da esfera social e cultural. Especialmente para os meninos Sateré-Mawé que desde a infância são psicologicamente preparados para serem iniciados neste Ritual da Tucandeira, que faz parte da sua identidade cultural, sendo assim, se mostram mais resistentes à dor do que qualquer outro indivíduo de cultura diversa (CARVALHO, 2019).

Diante disso, os assuntos que implicam o bem estar e as necessidades de reconhecimento dos direitos dos povos indígenas se mostra como um importante ponto de partida para a discussão sobre a implementação das chamadas políticas públicas que reconheçam seus direitos de manifestarem suas crenças e rituais de modo que legitimem suas identidades nas suas diversas manifestações culturais de forma legítima. A carência dessas políticas pode constituir-se como um profundo problema social do Estado brasileiro que precisa ser combatido.

Para todos os povos originários, sobretudo com evidência sobre os Sateré-Mawé, a negligência por parte do poder público constitui uma modalidade de necropolítica que submete essas comunidades ao abandono e a morte. De modo que sempre coube aos próprios grupos indígenas e organizações articuladas às suas lideranças o papel de fomentar políticas de enfrentamento às injustiças sociais cujo marco importante, de acordo com apontamentos de Munduruku (2012), se deu a partir dos anos de 1970. Esses movimentos, ao longo das últimas décadas vêm instituindo uma verdadeira “Marcha Indígena”, no dizer do autor, rumo a uma significativa mudança em prol de um possível protagonismo indígena na sociedade. Mesmo com todas as críticas sobre a capacidade de articulação política dentro desses movimentos aponta o autor.

OBJETIVOS DO ESTUDO

Analisar a representação semiótico-discursiva da mulher indígena Sateré-Mawé em contexto urbano na cidade de Manaus a partir de publicações na rede social Instagram e seus reflexos pós-modernos definindo os conceitos fundamentais sobre a sociedade, cultura e identidade na contemporaneidade. Busca-se desenvolver a teoria e o método, partindo de uma análise sociossemiótica de postagens na rede social Instagram feitas pelas mulheres integrantes da Associação de Mulheres indígenas Sateré-Mawé (AMISM). Esboça-se as representações das mulheres indígenas Sateré-Mawé que vivem em contexto citadino em Manaus e compartilham suas experiências na rede social Instagram em uma perspectiva crítico-discursiva.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A metodologia compreende referências nos estudos do discurso, sociedade e cultura, semiótica, representações e identidades sociais referentes as postagens na página da Amism na Internet. A referência é a rede social Instagram onde as associadas cidadinas desenvolvem trabalhos artesanais utilizando elementos simbólicos da cultura Sateré-Mawé para a confecção de seus produtos artesanais e a promoção de sua cultura na cidade de Manaus e com potencial de expansão promovido pelas publicações na web.

Com o surgimento e agravamento da pandemia da Covid-19, as mulheres encontraram nas mídias sociais uma saída possível para a divulgação dos produtos, uma vez que as medidas de segurança e distanciamento social impossibilitaram a realização de feiras e eventos regionais, prática comum entre grupos indígenas para divulgar seus artesanatos para os turistas. A perspectiva teórico metodológica se dará via análise crítico-discursiva em Fairclough (2016), Teoria Crítica em Horkheimer e Adorno (1985), bem como os conceitos de identidade em Hall (2004), com vista a tecer desdobramentos para a crítica da cultura e pós-modernidade de Harvey (1989) e Lyotard (1991).

As representações sociais e semióticas registradas na página da Associação de Mulheres Indígenas Sateré-Mawé no Instagram é objeto de análise por meio das representações discursivas presentes nas postagens, também o impacto desse novo modelo de exposição no contexto digital e as possíveis mudanças simbólicas e discursivas no aspecto de práticas sociais na web as quais as atrizes sociais tiveram que se adaptar em tempos pós-modernos e pandêmicos.

CONCEITOS TEÓRICOS E COMPREENSÃO

Este estudo apoia-se no “marxismo ocidental”. Corrente epistemológica, associada à Escola de Frankfurt, cujo estudo da dialética esclarece-nos questões sobre o funcionamento do capitalismo e da industrialização. No entanto, o termo mais adequado no lugar de Escola seria o de “Teoria Crítica”, pois os pensadores buscavam compreender, de modo crítico, os

fenômenos estruturais da sociedade. Seguindo os preceitos marxistas, eles se preocupavam com as condições sociais de existência. O termo “crítica” emerge na tentativa de superar os limites do positivismo, do materialismo e do determinismo, buscando a dialética na filosofia de Hegel, seu principal expoente, para compreender as contradições da sociedade (BATISTA, 2018, p. 37). Em outras palavras, o cientista crítico analisa os fatos e dados não como algo inalterado, mas enquanto produtos sociais suscetíveis a mudanças.

A ciência crítica e explora o que não é visível, mas, de algum modo, perceptível no convívio social, como as manifestações ideológicas que aparelham inúmeras práticas sociais. Essa linha teórica coaduna com conceitos relacionados à pós-modernidade, termo surgido no século XX, difundido principalmente pela publicação de François Lyotard intitulada “A condição pós-moderna” (1979), tornando-se o precursor nos debates. A linguagem e, por extensão, a sociossemiótica servem como aparato teórico e metodológico para o estudo dos signos e seus indícios culturais de tempo. O caráter de mudança nessa modernidade tardia (termo cunhado por Lyotard) se dá pelo fator da globalização e seu impacto sobre a identidade cultural dos sujeitos. Diante dessas concepções teóricas, este estudo aponta para um caminho possível que associa as representações às mídias sociais.

ANÁLISE E RESULTADOS

As postagens investigadas contemplam as representações veiculadas em: @amism_sateremawe (página da Associação das Mulheres Indígenas Sateré-Mawé). Dessa forma, as diferenças culturais entre os povos indígenas e não indígenas se tornam mais visíveis à medida em que se diluem as fronteiras digitais em tempos de pandemia. O trabalho das mulheres Sateré-Mawé, a partir da fabricação e comercialização de seus artesanatos, camisaria e especialmente, por conta da pandemia do Covid-19, a fabricação de máscaras de proteção em algodão cru com estampas em grafismos típicos do povo Sateré-Mawé, gera, ao longo do processo, diversos suportes de gêneros para os símbolos da cultura Sateré-Mawé. Esses artefatos são produzidos e divulgados pelas mulheres artesãs da associação e contam com a exclusividade das peças em modelos de significados únicos para cada pessoa. Isso dá condição para que as mulheres Sateré-Mawé se denominem ora como membros de uma organização comunitária, associadas e artesãs, ora enquanto empreendedoras e comunicadoras (nova terminologia para *digital influencer*) que vivem do subsídio da confecção de artesanato Sateré-Mawé, cujo diferencial é a confecção de peças únicas para o seu público consumidor. Toda a produção de signos reverbera em discursos, cujas participantes argumentam e legitimam o símbolo a um determinado contexto social e cultural. Além disso, os discursos sob pautas que fortalecem o movimento indígena no Brasil pela demarcação de Terras indígenas (TI) e respeito a diversidade étnica e pluralismo intercultural

PRINCIPAIS CONSIDERAÇÕES (ÚLTIMOS CLICKS)

Levando em consideração que toda manifestação social é considerada um texto, passível de leitura e interação, considera-se que todos os elementos constituídos como produtos desenvolvidos pelas mulheres da Amism, sendo eles, materiais ou textuais e discursivos funcionam, na plataforma Instagram como elementos sociossemióticos de uma conjuntura social e política dentro da comunidade para fora (no meio digital). A justaposição de práticas discursivas que legitimam a luta dos povos indígenas também constitui o trabalho dessas lideranças. Os produtos manufaturados podem representar o próprio povo Sateré-Mawé, a sua identidade, as suas lutas, e, ainda, as suas resistências em um mundo capitalista, preconceituoso e excludente. A presença dos grafismos nas estampas dos produtos, a tessitura das palhas ou a mistura deliberada das cores que formam as imagens postadas em rede e por fim, os discursos produzidos, em constante exposição de suas representações identitária em mídia tende a ser uma fonte interessante de investigações sobre o fazer cultural indígena urbano na contemporaneidade, sobretudo em tempos de pandemia, onde se percebe a importância da participação de indígenas nesses espaços públicos e políticos.

REFERÊNCIAS

- BATISTA JUNIOR, J.R.L. et al. **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.
- CUCHE, D. **Cultura e Identidade**. In: CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: Edusc, 1999.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. I. Magalhães (coord.). Brasília: UnB, 2016.
- GADEA, Carlos. A crítica pós-moderna e os movimentos sociais. In: AMARAL, Aécio; BURITY, Joanildo. (Orgs). **Inclusão social, identidade e diferença: perspectivas pós-estruturalistas de análise social**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 65-84.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, 2005.
- HARVEY, D. **A Condição pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural. São Paulo: Loyola, 1989.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LANDOWSKI, Eric. Sociossemiótica: Uma teoria geral do sentido. *In Galaxia*. n. 27, p. 10-20. São Paulo. 2014.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro. José Olympio, 1991.
- LUCIANO, G. S. **O índio brasileiro: O que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC, 2006.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

